

Amorcom e o ensino de Jornalismo. Produção de platôs de agenciamento de Espelhos, Desejos e Autopoiese

MARIA LUIZA CARDINALE BATISTA¹

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



RESUMO

O presente texto traz uma reflexão relativa a aspectos psicocomunicacionais, no Ensino de Jornalismo e nas práticas profissionais da área. Decorre de experiência profissional jornalística e docente, de mais de 20 anos, e de pesquisa realizada na Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese (AMORCOM!). A fundamentação teórica é transdisciplinar, complexa, sistêmica, envolvendo Jornalismo, Comunicação, Educação e Psicologia, em especial a Esquizoanálise. A produção da pesquisa é cartográfica (ROLNIK, 1989), qualitativa, de orientação pela Metodologia da Sensibilidade e da Paixão-Pesquisa (BAPTISTA, 2000). Sinaliza para o fato de que a valorização do Jornalismo e da formação profissional da área passa pela afetiv(ação) de amorosidade, espelhamento, desejo e autopoiese.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Educação. Afetiv(ações). Amorcom.

¹Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Atualmente é professora e pesquisadora do curso de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e dirige a Pazza Comunicazione, em Porto Alegre. E-mail: mlcbaptista@ucs.br.

1 PRELIMINARES

O presente artigo apresenta os pressupostos da construção de dispositivos processuais e afetivos de ensino, investigação científica e desenvolvimento das práticas em Jornalismo, na perspectiva da amorosidade e autopoiese. A proposta envolve partilhar elementos que constituem o que eu chamo de os substratos inscricionais, ou seja, as bases de inscrição, criação e acionamento das dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica, resultantes da interação terna de sujeitos, em processo de formação em Jornalismo. Apresenta, também, reflexões a partir de uma pesquisa, atualmente em desenvolvimento na Universidade de Caxias do Sul (UCS), intitulada Imagem, Sujeito e Mídia. Este estudo tem como objeto a potencialização do sujeito da comunicação, a partir de sua relação com as imagens, consideradas como trama complexa, expressão de aspectos subjetivos e midiáticos contemporâneos. Essa investigação envolve também alunos de Publicidade e Propaganda, mas, neste texto, serão abordados aspectos especialmente relevantes para a formação dos jornalistas. A pesquisa constitui-se em experiência fundadora, oficialmente, do Grupo de Pesquisa AMORCOM! Comunicação, Amorosidade e Autopoiese, na Universidade de Caxias do Sul.

A reflexão sobre o ensino de Jornalismo e as práticas cotidianas da profissão tem sido uma das minhas grandes ocupações, ao longo dos últimos anos. A essas alturas, sinto que há uma vida inteira, voltada para a construção de um sujeito de comunicação jornalística, a Malu Cardinale, com o traço, a marca, a intensidade, especialmente necessárias ao desenvolvimento do ofício de jornalista e educadora. Venho, então, me questionando sobre o que é fundamental, nestes ofícios, do ponto de vista do que eu chamo de Psicocomunicação, como representação da interface entre as áreas de Comunicação e Psicologia? Quais são as grandes pistas, diferenciais, para a

contribuição, na formação de um “sujeito do Jornalismo”, mais capaz, mais potencializado, para a produção de qualidade, comprometida com a sociedade? Ao mesmo tempo, como mobilizar esse sujeito para o aprendizado e para a produção? Como agenciar desejo e sua capacidade de reconhecer-se no processo, nos múltiplos espelhos, como sujeito intenso, que sente e pode vibrar e ter prazer com o ofício de jornalista? Como reconhecer o Jornalismo como platô de autopoiese, de reinvenção de si e do mundo?

O cotidiano com os alunos, bem como o tempo passado nas redações, mais a interação constante com a área profissional são aspectos que me conduzem à percepção de que “inspira cuidados” a intensidade da vivência do jornalismo. Trata-se da relação com essa “paixão”, com esse vírus, como chamou Zuenir Ventura (2005), na abertura do seu livro lindamente intitulado “Minhas histórias dos outros”. O ensino do Jornalismo e a experiência profissional, com jornalistas de várias gerações, foram me ensinando sobre os desafios psicológicos da profissão, sobre os desafios de constituição de “estratégias de sobrevivência”, no desenvolvimento do trabalho e na formação do jornalista.

A proposta é compreender o que pode afetar o sujeito do Jornalismo, afetar, mobilizar os afetos, no sentido de ajudar a compreender o si mesmo e o outro, e a grandiosa responsabilidade do trabalho de Comunicação Social, marcado pela responsabilidade e amorosidade, pelo reconhecimento do outro, como legítimo, na convivência. Também tenho trabalhado, teoricamente, mas principalmente na vivência cotidiana, o agenciamento do desejo e de dispositivos autopoéticos, que potencializam o jornalista, ajudando-o a criar estratégias de proteção para o cotidiano das práticas dos profissionais da área. O jornalismo é um ofício que envolve acionamento constante do que eu chamo de vetor lógico racional, mas também se produz na intensidade dos afetos e, nesse sentido,

são fundamentais as dimensões do jogo de espelhos e desejos; a ousadia dos processos autopoieticos, acionados pelo reconhecimento de si, do Outro. O detalhamento da discussão e explicação desse jogo entre o vetor lógico racional e a intensidade dos afetos é um pouco do que se tem neste texto.

A pesquisa que está sendo realizada em Caxias do Sul, intitulada-se Imagem, Sujeito e Mídia, e discute, entre outras coisas, o rumo dos desejos, por meio dos fluxos incorporais a-significantes, na produção de subjetivação contemporânea desses jovens adultos, estudantes de Jornalismo. A estratégia metodológica divide-se em cartografias de **saberes pessoais**, resultado de diário de campo da experiência docente e de jornalista; de **saberes teóricos**, com a produção de levantamento bibliográfico, nas linhas teóricas definidas previamente; **laboratório de pesquisa**, com coleta em **rodas de conversa**, atividades de produção de **narrativas e inscrição de histórias pessoais** e **expressão de desejos com relação à profissão, entrevistas individuais** e **Encontros Caóticos de Comunicação**² – experiência de reuniões sistemáticas com bolsistas voluntários, para escuta e troca de saberes e experiências.

27

O título do artigo é também a trilha narrativa: “Amorcom no ensino de Jornalismo. Produção de platôs de agenciamento de Espelhos, Desejos e Autopoiese”. Assim, primeiro resgato a discussão sobre a produção de amorosidade e seu significado no ensino de Jornalismo, para, depois esmiuçar, no que é possível, pelas dimensões do texto, as noções de espelho, desejo e autopoiese e suas possibilidades de aplicação, no ensino e nas práticas

² Essa experiência já tinha sido desenvolvida em outra Universidade e está descrita no seguinte texto: Encontros Caóticos e a Usina de Saberes em Comunicação: A vivência de novos processos de comunicar e aprender. Disponível em <http://www.pazza.com.br/pazza/artigos.htm>. Agora tem também o caráter de momento de coleta de dados envolvendo os sujeitos em produção de conhecimento.

profissionais jornalísticas. Por fim, estão sinalizados os platôs, que nos convidam a refletir as práticas de ensino-aprendizagem no Jornalismo, com vistas à produção de um jornalismo amoroso: quem quer (a)provar?

2 AMORCOM NO ENSINO

Para compartilhar a experiência da perspectiva do Amorcom, no ensino de Jornalismo, penso que é importante considerar o nome do grupo. AMORCOM! é um grupo de estudos e produção em comunicação, amorosidade e autopoiese. Foi criado em 2011, na Universidade de Caxias do Sul, e envolve professores do Centro de Comunicação, mestrandos de áreas afins, doutorandos em Comunicação e estudantes de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. A orientação maior é a do conceito de amor, para Humberto Maturana (1998) e que já foi discutida em artigo que denominei “Jornalismo Amoroso: quem quer (a)provar?” (BAPTISTA, 2012).

Para este momento do texto, me vem à mente a fala do meu assistente de pesquisa e estudante de Jornalismo da UCS, Ricardo Augusto de Souza, com quem eu dialogava, em determinado momento, sobre a trabalhadeira de final de semestre, a maratona de atividades, desde burocráticas, como resposta a editais, preenchimento de planilhas, até as mais prazerosas como criação de oficinas, planejamento de aulas, as aulas principalmente, os projetos e a produção de artigos, enfim, tantas... Em certo momento, eu disse, brincando: “Tá, entendi que não vou poder dormir mais”. Ele me respondeu, imediatamente: “Mas, Malu, isso não é tudo pulsão de vida!?”. Fiquei pensando na resposta e senti que ela restaria viva, em mim, reverberando, produzindo significado, por longo tempo. Este me parece ser um dos grandes diferenciais, o que eu chamo de afetiv(ação), no sentido de acionamento dos afetos, do que me toca,

do que me diz respeito e, nesse sentido, me impulsiona a mais e mais vida.

O estudante referia-se, na verdade, à noção freudiana de “pulsão de vida”, que se opõe à pulsão de morte (FREUD, 1976). Para Freud, a pulsão é o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade), que faz o organismo se direcionar para um objetivo. O estudante devir jornalista também me provocava, com relação às teorias de agenciamento do desejo, com as quais eu tenho trabalhado diretamente. Estas teorias são mais ligadas à Esquizoanálise, mas partem dos pressupostos psicanalíticos, para, depois, flexibilizá-los. Na prática, a fala – ‘Mas isso não é tudo pulsão de vida!?’ – tem a significação de indicar que, se é pulsão de vida, vale a pena. Assim, a ideia vem ao encontro do que eu tenho me proposto, quando repenso as práticas profissionais de educadora e jornalista: “fazer fazer sentido” – e, aqui, a redundância é proposital. Quer dizer, qual é o sentido de ensinar Jornalismo, fazer um curso de Jornalismo e atuar como jornalista? Por óbvias que possam parecer estas perguntas, na prática, elas concentram grandes, imensos questionamentos existenciais e profissionais da maioria das pessoas que se aventuram nesses áridos e intrépidos campos do ofício de jornalista e de educadora.

Assim, pulsão de vida, afetiv(ações), ações que afetivem, que acionem os afetos são as bases para o que vem orientando minha prática profissional. A noção de amorosidade, presente na definição do AMORCOM! Grupo de Estudos em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese, sustenta a dimensão epistemológica aplicada à educação e à produção em jornalismo, no meu cotidiano. Por isso, vale lembrar, aqui, seus pressupostos essenciais. A amorosidade, conceitualmente falando, está fundamentada, neste texto, em Humberto Maturana (1998), Luís Carlos Restrepo (1998), Roland Barthes (1986), Paulo Freire (1996) e Edgar Morin (1986; 1991;

1993 1998; 2003). Maturana, por exemplo, fala do amor, como o fundamento do social. É bastante significativo, neste sentido, o seguinte trecho:

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. [...] Sem a aceitação do outro, não há fenômeno social (MATURANA, 1998, p. 23-24).

Tenho proposto atenção especial às noções de desejo e de autopoiese, pois entendo que essas noções são essenciais às relações de ensino-aprendizagem, bem como à produção do jornalismo. Ninguém se põe em movimento, se não deseja e se não se vê em processo de reinvenção. O conceito de desejo tem sido amplamente discutido na Psicologia, por representantes das grandes vertentes dessa área de conhecimento. Entendo como particularmente interessante, neste sentido, o contraponto entre a visão de Jacques Lacan (1990, 1988) e a de Félix Guattari (1981, 1987, 1988, 1990, 1992, 1995, GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Para usar uma linguagem simples, é possível lembrar que, para Lacan, o ser humano é alguém barrado, que vive a inevitabilidade da existência de limites, da constatação da **falta** e, desse modo, seria a constatação dessa falta a base para o surgimento do desejo. Então, segundo Lacan, 'o sujeito deseja porque constata a falta' (CABAS, 1982; BAPTISTA, 1996; FREITAS, 1992; LEPARGNEUR, 1972; OGILVIE, 1988; VALLEJO; MAGALHÃES, 1977). A outra visão é a de Guattari, que nos apresenta a ideia de que o desejo não surge da falta, mas da **potência** do devir, do que pode vir a ser. Esse autor não ignora a falta, mas deixa claro que a força do desejo não está na falta, mas na possibilidade de preenchimento dessa falta. Considero bastante significativa a escrita de Kehl (1990, p. 366-367):

A alegria de desejar depende de uma certa dose de confiança no real, uma certa quantidade de experiências de gratificação que permitam esperar que esse lugar externo ao psiquismo para onde se espraia a “fome do mundo” seja um lugar de onde possa vir alguma espécie de prazer e alguma espécie de confirmação, de aplacamento, pelo menos temporário, de minhas indagações.

Quer dizer, é preciso que o sujeito acredite na possibilidade de obtenção de experiências de gratificação, de alguma espécie de prazer. Assim, no processo de ensino-aprendizagem, penso ser interessante que o aluno se perceba como alguém potente, como alguém capaz, que realiza uma obra (de arte, no sentido da produção estética), que realiza uma sua obra, que mostra a si mesmo como alguém que “está podendo”. O trabalho, nesse sentido, tem que ser sempre o melhor possível e esse possível precisa estar sendo o tempo todo ampliado. Fundamental o investimento para que o aluno chegue à avaliação com o seu melhor trabalho, para que tenha orgulho, satisfação de apresentar-se, ainda que vivendo a “insegurança” natural da exposição.

Um aspecto a considerar é que a disposição de obter do aluno o seu melhor depende, diretamente, de considerar o território subjetivo com o qual estamos trabalhando e, assim, buscar a ampliação dos patamares existentes. A lógica, então, precisa ser freireana, no sentido de partir do respeito ao que o aluno é, ao seu potencial (FREIRE, 1996)

O termo autopoiese é um neologismo que nos remete à ideia de autoprodução. O dicionário apresenta poiese-poese do seguinte modo: “[...] el. Comp. Pospositivo, do gr. Poíesis, eos, ‘criação, fabricação, confecção; obra poética, poema, poesia’” (HOUAISS, 2001, p. 2246). Assim, quando pensamos em autopoiese, devemos nos remeter a uma espécie de motor interno ao sistema, que faz com

que ele esteja em processo de produção. A palavra foi cunhada por Maturana, na tentativa de responder, em suas investigações, à pergunta: “O que é que começa quando começam os seres vivos sobre a terra, e que tem se conservado desde então?” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 11). Observe-se, então, que está em jogo o processo de produção de vida, quando relacionamos o termo ao ser humano. Processo de criação, de autocriação. Maturana refere-se, então, aos seres vivos como “[...] sistemas nos quais, seja em seu acontecer solitário de sua atuação como unidades autônomas ou no que se refere aos fenômenos da convivência com os outros, surgem e neles se dá em/e, através de sua relação individual, como entes autônomos” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 11). Então, é possível destacar os seguintes aspectos: “acontecer solitário”, “unidades autônomas” e “finalidade de convivência com os outros”.

Assim, desejo e autoapoiese são conceitos que parecem estar entrelaçados e intrinsecamente ligados, quando se pensa em produção, de um modo geral, e em produção de conhecimento, e de jornalismo, de um modo particular. Desejar e acreditar na possibilidade de se autoproduzir são elementos essenciais, para quem quer se iniciar e avançar, nos meandros do processamento complexo de informações e da produção sempre voltada para o outro, como é o caso da Educação e do Jornalismo. Quem escolhe essas áreas, decide estar sempre pronto a “servir” e servindo, reinventar-se, porque se reinventam as narrativas, as histórias, o conhecimento e o próprio saber de si, do outro e do mundo.

32

3 PLATÔS DE AGENCIAMENTO DE ESPELHOS, DESEJOS E AUTOPOIESE

O termo platô está sendo usado aqui como “zona de intensidade contínua”, sentido atribuído por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 8). É assim que percebo o movimento de ensino-

aprendizagem, marcado pela perspectiva de amorosidade, especularidadedesejante e autopoietica. Para falar dos platôs agenciados no AMORCOM!, inicio com trechos da fala dos meus alunos, fornecidos em momentos de produção de memoriais de participação no Amorcom, nas disciplinas em que desenvolvo práticas que seguem a mesma lógica da pesquisa.

Outro ponto positivo da disciplina foi a opção da professora Malu, por uma proposta construtivista, onde pude aprender através da vivência, colocando em prática os conhecimentos. Nesse processo, me torno, junto com o grupo, autor do trabalho e responsável pela produção, seja coletiva ou individual. Dessa forma, o resultado final do programa tem ligação direta com a produção, sendo assim, quanto mais cuidada a produção, mais chances o grupo tem de ter um resultado positivo (NMB).

33

Se o Amorcom chamar, eu vou! Então, como formar um grupo de pesquisa nessas condições? É simples, não forme um grupo de pesquisa. Forme um grupo de amigos, um grupo de sentimentos, um grupo de amor. O diferencial está cada vez mais no simples, no humano. É complicado definir o que significa o "Amorcom", talvez porque seja mais fácil sentir, ou mesmo ser o Amorcom. Mas quando me faltam as palavras, sempre as encontro nos textos de outros. E dessa vez encontrei na música de Erasmo Carlos, que diz assim: "Eu não quero mais conversa / com quem não tem amor / gente certa é gente aberta / se o amor chamar, eu vou". E o Amorcom felizmente me chamou, é óbvio que eu vou (RR).

Estou no Amorcom praticamente desde que ele floresceu aqui na UCS de Caxias, e posso dizer que apesar de fazer nem mesmoum ano que sou parte deste grupo de estudos, já não sou, nem de perto, mais o mesmo J. de um tempinho atrás. Entre muitas leituras, produções, indicações, debates, encontros caóticos e muitas risadas eu encontrei um ambiente onde eu posso aprender e compartilhar experiências dentro do mundo acadêmico tão engessado de hoje em

dia. Não que me faltasse motivação antes, mas agora com certeza eu já olho para um livro de forma diferente. Agora eu enxergo neles muito mais que apenas entretenimento momentâneo, também vejo como companhia, amizade, amor, ódio, conhecimento, alegria, conteúdo, paz, guerra. Eu finalmente atravessei o limiar entre o mundo ordinário e o mundo excepcional. Me sinto leve e ao mesmo tempo com tanta responsabilidade a mais. É estranho como ler desperta em mim um sentimento de dever apesar do prazer, é como se eu precisasse ler, mas não porque me obrigam a ler, mas porque eu finalmente decidi que eu preciso conhecer coisas, eu preciso saber para poder transmitir esse conhecimento de forma que isso possa fazer a diferença no mundo em que vivemos algum dia. Quem sabe hoje (JR).

Então, partindo dessas falas, como emblemáticas do trabalho que está sendo realizado e da proposta de relação de ensino-aprendizagem, considero os seguintes elementos constituintes dos platôs de espelhamento, de produção de desejo e autopoiese:

Platô um – construção a partir do território em que você encontra;

Platô dois - mobilização da vivência relacional;

Platô três – produção de autoria;

Platô quatro – afetiv(ação) humana, mobilização dos afetos, dos sentimentos;

Platô cinco – agenciamento do desejo, o movimento pelo conhecimento (Se o Amor com me chamar, eu vou);

Platô seis – acionar a possibilidade de reinvenção – “já não sou, nem de perto, mais o mesmo J. de um tempinho atrás”;


Platô sete – reconhecimento da trama de espelhos – “vejo como companhia, amizade, amor, ódio, conhecimento, alegria, conteúdo, paz, guerra”;

Platô oito – trabalho com o jogo prazer/dever – “sentimento de dever apesar do prazer, é como se eu precisasse ler, mas não porque me obrigam a ler, mas porque eu finalmente decidi que eu preciso conhecer coisas, eu preciso saber para poder transmitir esse

conhecimento de forma que isso possa fazer a diferença no mundo em que vivemos algum dia. Quem sabe hoje”.

4 VISLUMBRES DESDE A PAISAGEM DOS PLATÔS

Esses platôs parecem sinalizar para aspectos fundamentais da Educação como um todo e do Jornalismo, em particular. Nas produções da relação de ensino-aprendizagem, percebo que é mais fácil mobilizar o sujeito, se houver o respeito ao seu território de origem, o “lugar de saber” a sua condição mesma de existir e sentir-se valorizado nas proposições. Assim, ressalto a importância da proposição de que o estudante se autorize a ser autor, se perceba também como criador das propostas de aprendizagem. Nesse sentido, as atividades nunca são fechadas em si mesmas, mas apresentam-se como trilhas referenciais a serem percorridas e delineadas pelo próprio sujeito, com vistas a um ponto de chegada (um objetivo).

Igualmente importante é a valorização da relação, do entrelaçamento com os outros sujeitos do processo, assim como a compreensão de que o exercício fundante do jornalismo é o encontro com o Outro, o respeito às diferenças, a constituição de uma constante ética na relação. Aprender a aprender e viver o Jornalismo é também aprender a relacionar-se, na produção jornalística. Viver em grupo, o grupo, ceder, negociar o sentido e as atividades, entregar-se e entrelaçar-se, para a constituição de uma tribo amorosa, que tem como objetivo maior o processamento de informações, de modo comprometido com a sociedade e também voltado à constituição de uma estética e autopoietica. Nesse sentido, acredita-se que aprender o jornalismo é aprender a ser social e comprometido com isso. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação: trama de desejos e espelhos.** Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: ULBRA, 1996.

_____. **Encontros Caóticos e a Usina de Saberes em Comunicação:** a vivência de novos processos de comunicar e aprender. Disponível em: <<http://www.pazza.com.br/pazza/artigos.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

_____. Jornalismo amoroso. Quem quer (a)provar? Reflexões sobre a aplicação de práticas pedagógicas amorosas, na formação e no cotidiano do jornalista. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 1, n. 9, p. 93-118, jan./jun. 2012.

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional.** Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Comunicazione come trama: la complessità del processo. In: BECHELLONI, Giovanni; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Orgs.). **Dal controllo all'á condivisione:** studi brasiliani e italiani sulla comunicazione. Roma: Mediascape Edizioni, 2002.

_____. O dilúvio babelizante da contemporaneidade e a educação. **Pauta: Interdisciplinaridade e pensamento científico**, Pato Branco, v. 2, n. 1, p. 55-73, dez. 2003.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** 6. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise:** introdução à psicologia analítica. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: USP, 1975.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.

CABAS, Antonio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan.** São Paulo: Moraes, 1982.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. **O Tao da Física.** Um paralelo entre a Física Moderna e o misticismo oriental. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. **A teia da vida.** Uma nova compreensão dos sistemas vivos. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem:** uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

FERREIRA, Lígia Hecker. **O mal-estar na escola.** Uma Pragmática Ético-Estética, 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREITAS, Jeanne Marie Machado de. **Comunicação e Psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1992.

_____. **Obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 3. ed. Campinas: Papyrus, 1981.

_____. **Caosmose.** Um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, Antônio. **Saúdeloucura**, n. 2. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Mil platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O inconsciente maquínico.** Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Revolução molecular.** Pulsações Políticas do Desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação.** Lisboa: Edições 70, 2003.

_____. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papyrus, 1996.

KEHL, Maria Rita. Imaginar e pensar. In: _____. **Rede imaginária. Televisão e democracia.** São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1991.

_____. Imaginário e pensamento. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense; ECA/USP, 1995.

_____. A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, Sergio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. O desejo da realidade. In: NOVAES, Adauto (Org.) **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

LACAN, Jacques. El estadio del espejo como formador como formador de la función del yo tal como se nos revela em la experiencia psicoanalítica. In: _____. **Escritos**. 16. ed. México; Madrid; Bogotá: Siglo Veintiuno, 1990.

_____. **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LEPARGNEUR, Hubert. Lacan e a psicanálise. In: _____. **Introdução aos estruturalismos**. São Paulo: Herder; USP, 1972.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. São Paulo: Manole, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MARINI, Marcele. **Lacan**: a trajetória do seu ensino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

MATURANA R., Humberto; VARELA, Francisco J. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese - a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**. O diálogo possível. São Paulo, Ática, 1986.

_____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

_____. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. O signo em processo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO, 17., 1994a, Piracicaba.

_____. (Org.). **Novo pacto da ciência**. A crise dos paradigmas – I. Seminário transdisciplinar. São Paulo: ECA/USP, 1990-1991.

_____; GREGO, Milton (Orgs.). **Novo pacto da ciência 3**. Saber plural. O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas. São Paulo, ECA/USP; CNPq, 1994b.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Sigmund Freud: a conquista do proibido**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **O método 4**. As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. O pensamento em ruínas. In: _____. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: UFSC, 1993.

OGILVIE, Bertrand. **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PACHECO, Elza Dias. Variáveis psicológicas no estudo da comunicação. **Revista Brasileira de Comunicação**, ano 10, n. 56, 1987.

PAZZA. **Textos sobre Jornalismo**. Usina de Saberes em Comunicação. Disponível em: <<http://www.pazza.com.br/pazza/Usina/jornalismo.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

REIS, Alberto O. Advíncula. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. São Paulo: E.P.U., 1984.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RODRIGUES FERNANDES, Heloísa (Org.). **Tempo do desejo: Sociologia e Psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

TALLAFERRO, Alberto. **Curso básico de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VALLEJO, Américo; MAGALHÃES, Lúcia C. **Lacan**. Operadores da leitura. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VENTURA, Zuenir. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Planeta Brasil, 2005.